

## **Relatório da UNICEF revela um aumento das disparidades à medida que os rapazes e as raparigas crescem no mundo em desenvolvimento**

### ***Disparidades na saúde, protecção e educação particularmente evidentes na adolescência.***

**Genebra, 13 de Setembro de 2011** - Ainda que nos países em desenvolvimento as disparidades entre rapazes e raparigas em matéria de educação, saúde e protecção nos primeiros anos da infância sejam menos gritantes do que em tempos se pensava, e mesmo que nalguns casos se tenha conseguido a paridade, as diferenças, maioritariamente favoráveis às crianças do sexo masculino, aumentam ao longo da adolescência, segundo um estudo da UNICEF lançado hoje.

“Embora haja poucas diferenças entre rapazes e raparigas na primeira infância nos domínios da nutrição, saúde, educação e de outros indicadores básicos, as diferenças de género vão-se acentuando ao longo da adolescência até à idade adulta”, afirmou Geeta Rao Gupta, Directora Executiva Adjunta da UNICEF. “Por exemplo, as disparidades entre rapazes e raparigas em matéria de conhecimento sobre os riscos do VIH e SIDA são trágicas – segundo estimativas de 2009, dos cinco milhões de jovens que viviam com VIH/SIDA em África dois em cada três eram do sexo feminino,” acrescentou.

O relatório da UNICEF “*Boys and Girls in the Life Cycle*” é, até hoje, a mais abrangente compilação de estatísticas sobre crianças e jovens nos países em desenvolvimento desagregadas por sexo. Os dados do relatório sugerem que as disparidades de género são relativamente pequenas nos primeiros anos de vida das crianças para os indicadores analisados – educação, saúde, nutrição e protecção.

De um modo geral, as crianças são igualmente registadas à nascença independentemente do seu sexo. As taxas de aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida são semelhantes para ambos os sexos na maior parte dos países que têm dados disponíveis, e a probabilidade de uma criança ser mal nutrida é a mesma para rapazes e raparigas menores de cinco anos. No que toca a intervenções contra a malária, e cuidados de saúde em situações de doenças diarreicas ou de pneumonias – as duas principais causas de morte de crianças menores de cinco anos – não se verificam disparidades entre os dois sexos. A percentagem de rapazes e raparigas que frequentam o ensino pré-escolar é semelhante na maioria dos países onde os dados sobre a matéria estão disponíveis.

Contudo, as desigualdades de género no acesso à educação, saúde e protecção são significativamente maiores à medida que as crianças se aproximam da adolescência. Embora a paridade de género no ensino primário seja actualmente comum em quase todo o mundo, esta é menor ao nível do secundário, embora se registem diferenças de região para região. No sul da Ásia, por exemplo, o número de raparigas que frequentam o ensino secundário é menor do que o do rapazes, ao passo que na América Latina e Caraíbas se verifica o inverso.

Os dados revelam ainda que é maior a probabilidade de as raparigas casarem na infância (antes dos 18 anos) bem como de iniciarem a vida sexual muito cedo. Na África subsariana, é também mais frequente as raparigas referirem que o marido tem justificação para bater na mulher em determinadas circunstâncias. A probabilidade de as mulheres jovens serem alfabetizadas, de verem televisão ou ouvirem rádio, de lerem um jornal ou uma revista é menor do que a dos homens da mesma faixa etária. Estes estão melhor informados acerca do VIH/SIDA, o que aumenta a probabilidade de se protegerem através do uso do preservativo. Em última análise, as mulheres jovens na África subsariana têm duas vezes mais probabilidades de serem infectadas pelo VIH/SIDA do que os homens jovens.

“Acabar com as disparidades de género em todas as fases da infância e eliminar a discriminação de género – tanto contra as raparigas como contra os rapazes – é fundamental para um progresso inclusivo e sustentado para todos os países do mundo. Para além das consequências nefastas, e muitas vezes trágicas, das desigualdades de género para as próprias crianças, os vários tipos de desigualdades que continuam a persistir e que são patentes nos dados disponíveis, especialmente durante o período da adolescência, constituem um enorme obstáculo para que muitos países consigam sair de uma situação de pobreza prolongada e possam concretizar as suas aspirações em matéria de desenvolvimento”, declarou Geeta Rao Gupta da UNICEF durante a apresentação do relatório que teve lugar hoje em Nova Iorque

#### **Para mais informação, queira contactar:**

UNICEF Portugal, Carmen Serejo, 21 317 75 12/00, [cserejo@unicef.pt](mailto:cserejo@unicef.pt)  
Marixie Mercado, UNICEF Geneva, at + 41 22 909 5716 or [mmercado@unicef.org](mailto:mmercado@unicef.org)